

# BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**  
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**  
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.  
Dr. Antonio do Valle e Sousa.  
Conde da Esperança.  
E. Severim de Azevedo (Crispim).  
Ferreira Mendes.  
D. Jorge de Menezes.  
J. Nunes de Freitas.  
Luiz Trigueiros.  
D. Maria O'Neill.

CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**  
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**  
EDITOR — Carlos Abreu.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Annuario Commercial.

16 DE SETEMBRO DE 1913

N.º 352



O Senhor D. Manuel, a Princesa Victoria e seu pae  
o Principe Guilherme de Hohenzollern



## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de setembro de 1913

**A** PROPOSITO do casamento do Senhor D. Manuel com a princesa Victoria de Hohenzollern, que em 4 do corrente mez se realisou em Sigmaringen com a pompa devida ao alto nascimento e regia cathogoria dos Augustos Noivos, voltaram alguns jornaes a fazer affirmativas, que á força de repetidas já aborrecem, de que a monarchia está para sempre morta em Portugal, sendo, portanto, impossivel a sua restauração.

A opinião é deveras arrojada, não só porque em politica todas as prophcias correm o risco de ser desmentidas como tambem

cia é a nossa que assim havemos de ver bem claro o que os outros nem conseguiram avistar?

Porque a monarchia portugueza se afundou no lodo, como por ahí se diz, e a republica veiu salvar a nação?

Eu não discuto se ella se afundou no lodo ou se simplesmente morreu victimada pela traição ou pela inercia de alguns dos seus partidarios, mas quer-me parecer que, em toda a parte onde um regimen tenha substituido o outro, sempre se terá dito a mesma cousa, porque d'outra forma não se justificariam movimentos revolucionarios, que são em quasi todos os casos, pelo menos emquanto não se consolidam os ideaes que lhes deram origem, perturbadores da paz dos estados.

Porque a republica é um regimen avançado e a monarchia uma forma retrograda de governar?

Sendo assim, como se concebe, como se comprehende que a maior parte das nações, excepção feita da França, onde aliaz são



**A Princesa Victoria de Hohenzollern**

*Augusta Esposa do Senhor D. Manuel*

porque, da analyse de todos os dados do problema, pode resultar, a meu ver e sem qualquer espirito de politica partidaria, uma convicção em absoluto opposta. A propria repetição da affirmativa me leva ao convencimento de que aquelles que a fazem não estão bem seguros do que dizem.

A monarchia nunca mais se poderá restaurar em Portugal — exclamam. Mas porquê?

Pelo simples facto da republica se ter implantado entre nós?

Isso nada quer dizer. Tem havido republicas na Italia, na Hespanha, na Hollanda, na Inglaterra, e todos estes paizes são hoje monarchicos e não consta que tão cedo pensem em tornar a ser governados pelo regimen republicano.

Porque a republica é boa e a monarchia má?

Mas então que extraordinaria estupidez foi a d'aquelles povos, que preferiram o mau ao que era bom, ou que extranha intelligen-

numerosos os partidarios da realza, que caminham na vanguarda da civilização, onde abundam os grandes economistas e os grandes politicos, onde o analphabetismo quasi não existe, tenham chegado até ao nosso tempo governadas pelo systema monarchico? Como se comprehende que a Noruega, feita a sua separação da Suecia, escolhesse um rei e votasse contra a forma republicana? Como se comprehende que n'alguns d'esses paizes nem mesmo se pense em mudar de instituições?

Analysemos agora o que se passa entre nós e vejamos se nos falta alguma das condições indispensaveis para uma restauração monarchica.

E' quasi escusado registrar, porque todos o sabem, que ha quem possa ser rei. Alem dos dois ramos da casa de Bragança, representados respectivamente pelo Senhor D. Manuel e pelo Senhor D. Miguel, teriamos ainda, se elles se extinguissem, a casa de



Cadaval, que foi jurada herdeira do throno em 1640, se não estou em erro.

Mas supponhamos mesmo que não existia actualmente quem, segundo as leis portuguezas, tivesse o direito de se sentar no throno. Nem por isso uma restauração monarchica seria impossivel, pois que tendo Portugal uma nobreza herdeira das gloriosas tradições dos nossos primeiros guerreiros e navegadores, não seria difficil escolher entre ella quem podesse com dignidade occupar o logar de chefe do estado.

Ora se existe quem possa ser o primeiro magistrado da nação sob o regimen monarchico e não falta aquella *elite* que é propria de todas as monarchias, que é o fructo de uma selecção que tem por base os serviços prestados á patria, vejamos a seguir se ha tambem partidarios da realleza.

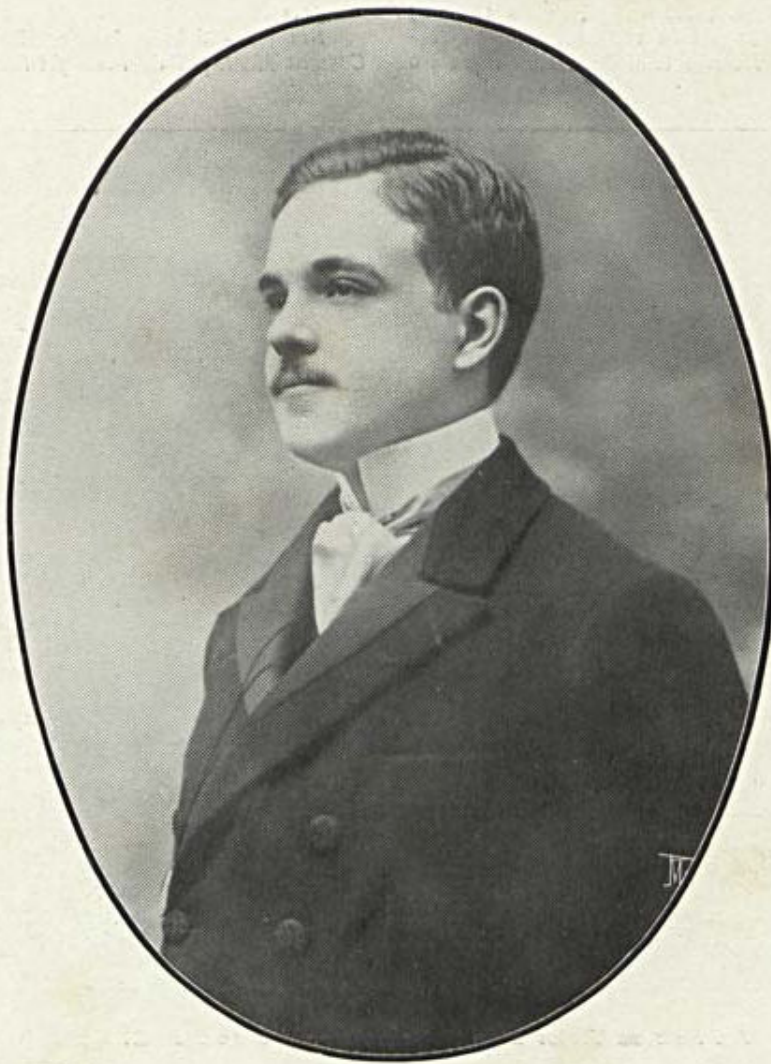
Creio que ninguem poderá contestar que os ha e penso até que cada vez existem em maior numero. Houve tempo em que se affir-

deira nacional, mas que a actual geração e a antecedente já se tinham habituado a ver fluctuar nos edificios publicos em dias festivos, foi logo proscripta, e o catholicismo, religião da quasi totalidade dos portuguezes, passou a ser objecto de mofa e victima de perseguições. Creou-se uma questão religiosa onde ella não existia e foi-se tão longe que, não se tolerando em publico os trajos ecclesiasticos, se admittem á luz do dia as insignias maçonicas e os estandartes do livre pensamento.

A tal massa dos indifferentes estacou então em meio do caminho já percorrido em busca de um ideal que, afinal, não via realisado. Estacou e reagiu.

E reagindo deu logar a todos os *complots* e ás incursões, estabeleceu uma corrente de emigração propriamente politica e foi encher as penitenciarias e as cadeias do paiz.

Sim, foram os indifferentes do tempo da monarchia que não se sentindo bem tratados pela republica, que não vendo respeitadas pelo



O Senhor D. Manuel

mava que Portugal era uma monarchia sem monarchicos e effectivamente, feitas algumas excepções, entre as quaes justo é destacar o velho partido legitimista, sempre fidelissimo aos seus principios, no paiz havia poucos monarchicos, alguns republicanos, que nem chegavam para occupar todos os cargos da administração publica, e uma massa colossal de indifferentes e descontentes.

Veiu depois a republica e com ella a espectativa benevolente da tal massa colossal, que o novo regimen poderia com facilidade attrahir para o seu gremio.

Tal, porem, não succedeu. A benevolencia dos de baixo respondeu a arrogancia dos de cima; em vez de leis que a todos captivassem, em logar de leis nacionaes, fizeram-se decretos republicanos; em vez de medidas que contribuisssem bem visivelmente para a felicidade do povo, para melhorar as suas condições de vida, cuidou-se apenas e immediatamente da confecção de leis politicas. A bandeira azul e branca, que aliaz já não era a primitiva ban-

novo regimen nem as suas tradições nem as suas crenças religiosas, cerraram fileiras e deram a mão aos monarchicos, engrossando assim os partidarios da realleza.

Sem elles o que poderiam fazer os amigos da córte ou a meia duzia de convictos das vantagens da monarchia sobre as vantagens da republica? Mas com elles quem poderá prever o futuro?

Eis porque se me affigura arrojado, dado o que ahi fica ligeiramente exposto, afirmar terminantemente que uma restauração monarchica é impossivel em Portugal.

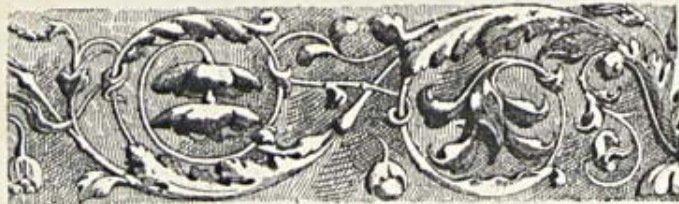
O futuro a Deus pertence — diz a sabedoria das nações.

J. NUNES DE FREITAS.

O fim da educação feminina não deve ser o transformar a mulher n'um dictionario.

JOÃO RUSKIM.





## POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

XXXIV

### Diario d'um deputado em férias

*Dia 5* — Depois de me despedir do meu eminente chefe, grande estadista e incomparavel tribuno, tomei o comboio das 14 e 15 com destino á minha terra. Cheguei ás 18. Na estação esperavam-me o regedor, o mestre Jacintho funileiro, minha sogra e o

pericia. Só d'uma vez fez votar duzentos mortos e oitenta auzentes! Vou empregar todos os esforços para o filiar no meu partido. D'isto é que nós cá precisamos. A' tarde fui um bocado á pharmacia. Receberam-me com muita distincção. Malhou-se á farta no Antonio José d'Almeida em homenagem ao governo.

*Dia 8* — Fui visitar a escola official do sexo feminino. As meninas receberam-me cantando a *Sementeira* e a professora estreiou em minha honra uma bandeira bordada a matiz com o lema do livre-pensamento: *Sem Deus e sem religião!* Perorei sobre a instrucção, dizendo que se é um facto a republica ter gasto no ultimo anno menos 230 contos com o ensino, do que a monarchia, não é menos certo que a ignorancia é muito menor graças á expulsão das ordens religiosas que «eram a treva asphyxiante do cerebro humano». Esta minha imagem entusiasmou as alumnas e a professora, que deram repetidas vivas á minha pessoa e ao meu chefe. A' sahida a professora entregou-me um memorial pedindo a minha influencia para receber os ordenados em atrazo dos ultimos trez mezes.

*Dia 12* — Li hoje n'um jornal reaccionario esta noticia: «Na Camara Municipal do Porto foi hontem matriculado um cão pelo



A Princesa Victoria de Hohenzollern e o Senhor D. Manuel

(Photographia tirada em Richmond)

meu correligionario Zé d'Adiça. Abraçámo-nos todos. Fiz um pequeno discurso, mostrando o progresso dos nossos caminhos de ferro desde que foi implantada a republica, e em seguida fomos tomar duas sangrias no botequim da estação. A' tarde recebi os cumprimentos da philharmonica da terra, que nos tempos ominosos se intitulava *Banda Marcial D. Manoel II* e graças á minha influencia passou a denominar-se, depois do 5 d'outubro, *Charanga Democratica dos Filhos da Liberdade*. Agradei da janella os cumprimentos, proferindo algumas palavras, em que mostrei a influencia do novo regimen no desenvolvimento da harmonia musical. Fui muito aplaudido. A's 22 tomei chá. A's zero deitei-me, mas não passei bem do estomago toda a noite.

*Dia 7* — Hontem nada de novo. Estive a canja e torradas. Calculo que fosse da sangria. Recebi hoje a visita do veterinario e do professor primario. Conversámos largamente sobre as proximas eleições. Indicou-me o primeiro um grande cacique que no tempo da crapulosa monarchia manobrava as urnas com grande

sr. cidadão livre pensadeiro Antonio de Castro Baptista, morador na rua da Banharia, n.º 154; o cão é rateiro, amarello, com o focinho preto e tem o número 619. Querem saber o nome com que o apresentou ao registo (até á penna custa a escrevel-o): *Jesus Christo! E' assombroso! que dizem a isto?* Não acho, e desconfio muito que aqui ande manobra dos jesuitas ou dos pavaes que estão na Galliza. Vou escrever ao meu amigo João de Menezes a saber a opinião d'elle.

*Dia 13* — Recebi a visita do prior. E' um padre ás direitas, tendo logo adherido á pensão. Prometteu-me trabalhar muito nas proximas eleições.

*Dia 16* — Dia de festa cá no sitio. Inaugurou-se hoje o Centro do meu partido, com onze correligionarios inscriptos a dez centavos por mez, e por cabeça. A casa onde está installado é o antigo *Club Progressista Conselheiro José Luciano de Castro*. Ao meio dia tomei a presidencia e dei a direita ao administrador do concelho, que veio expressamente da villa. Descerrei o retrato do meu chefe,



O casamento do Senhor D. Manuel com a Princesa Victoria de Hohenzollern, realizado em Sigmaringen em 4 de Setembro de 1913



Depois da cerimonia nupcial — O Senhor D. Manuel e sua Augustista Esposa, as damas: sr.<sup>as</sup> marquesa do Foyal, marquesa do Lavradio, viscondessa d'Assoca e D. Isabel Saldanha da Gama, e os srs. conde de Sabugosa, marquês do Foyal, marquês do Lavradio, conde de Tarouca e visconde d'Assoca

(Phot. do "Mundo Gráfico")



que estava coberto com a bandeira nacional e rodeado de vasos com sardinheiras e héra. Por cima da moldura um grande escudo de papelão com os dizeres *Liberdade, Paz, Ordem, Trabalho, Fraternidade*, todos entrelaçados. Fui o primeiro a usar da palavra. Fiz grandes afirmações, abordando com superior eloquência os principais problemas sociais. Sobre finanças mostrei a prosperidade do paiz no novo regimen, cahindo a fundo sobre os ministros esbanjadores da odiosa monarchia. Quero registrar esta minha phrase por ter sido uma das que mais impressionou o auditorio: «Podem as féras dos thalassas rugir que as *sinécuras* acabaram-se de vez n'esta nau de grande *cabotinagem liberal*» A noite houve illuminações e tocou-se o hymno no largo. Um reaccionario que não tirou o chapéu apanhou uma sova. Quando recolheu ao hospital verificou-se que era surdo.

*Dia 17*—Esta manhã um padre reaccionario aqui do concelho foi preso pelo regedor quando prégava, por estar offendendo do pulpito a moral publica, expondo ao auditorio que quem nos creou foi Deus e quem nos rege

e governa é a Providencia, quando afinal elle tinha obrigação de dizer, que quem nos rege e governa é a republica e o sr. Affonso Costa. Foi isto e muito bem que respondeu no governo civil o illustre regedor, meu muito presado correligionario, conforme consta dos jornaes de Lisboa. Má raça de jesuitas!

*Dia 20*— Levantei-me cedo e foi de burro correr algumas povoações vizinhas, no intento de apalpar a opinião publica sobre as proximas eleições. Verifiquei com desanimo que a ignorancia ainda é grande entre esta gentalha, na sua quasi totalidade ainda muito apegados a ideias reaccionarias. Dizem que pagam mais do que antigamente e que teem menos trabalho que d'antes. E não comprehendem estes estupidos que em compensação passaram a ser soberanos!

*Dia 22*— Tive hoje um grande alegrão. O jornal do meu partido noticia no seu ultimo numero que o cidadão Luiz Filipe da Matta, a quem os thalassas invejosos alcunharam de *Pepino da Matta*, foi nomeado para fazer parte da grande commissão pombalina. Registo com jubilo esta noticia por vér que no actual regimen o merito é sempre premiado. A's 21 da noite comecei a sentir-me incommodado do estomago. Creio que foi do melão.

*Dia 23*— Consegui apanhar o cacique que me havia sido indicado pelo veterinario. O homem ainda estava renitente, dizendo que tinha sido já nacionalista, regenerador e franquista, mas prometti fazer publicar-lhe o retrato no *Mundo* e fallar com o escrivão de fazenda ácerca d'umas contribuições que lá tem em atrazo, e o negocio ficou fechado. E' um grande caracter. E o veterinario um grande elemento a quem o meu partido muito deve.

*Dia 24*— No dia d'hoje era costume nos tempos em que imperava a seita negra fazer-se cá no sitio uma procissão. O administrador este anno negou a licença fundado, e muito bem, na liberdade de religião. As mulheres juntaram-se no largo, começaram a berrar e deram uma sova no regedor; e em seguida foram

buscar o andór e fizeram a procissão. Intolerável! Estive para intervir mas receei o tamanho d'uma cidadã que bufava como um toiro. Já comprehendi que as mulheres são um dos maiores estorvos para a republica. Na proxima sessão hei-de apresentar um projecto de lei para se lhe acabar com a raça. Vou já ouvir, sobre o caso, o grande estadista Brito Camacho.

*Dia 26*— Hoje tem chovido todo o dia, e por isso fiquei compondo alguns discursos para a proxima epocha parlamentar. Por causa do melão tomei um lachante. Produzi bastantes peças oratorias.

*Dia 27*— Recebi carta do meu collega Nunes da Matta. Diz-me ter concluido o seu drama e estar agora trabalhando n'uma lei que tem por fim aproveitar os raios do sol para a illuminação

nocturna, por meio d'uns grandes reservatorios. O que aquelle cerebro tem produzido para felicidade do paiz e gloria do partido!

*Dia 29*— O sr. Brito Camacho respondeu-me concordando em absoluto com o meu projecto. Offerece-me o seu voto incondicional e afirma-me ser essa uma das suas aspirações mais antigas. Que grande espirito aberto ao progresso, tem este illustre cidadão!

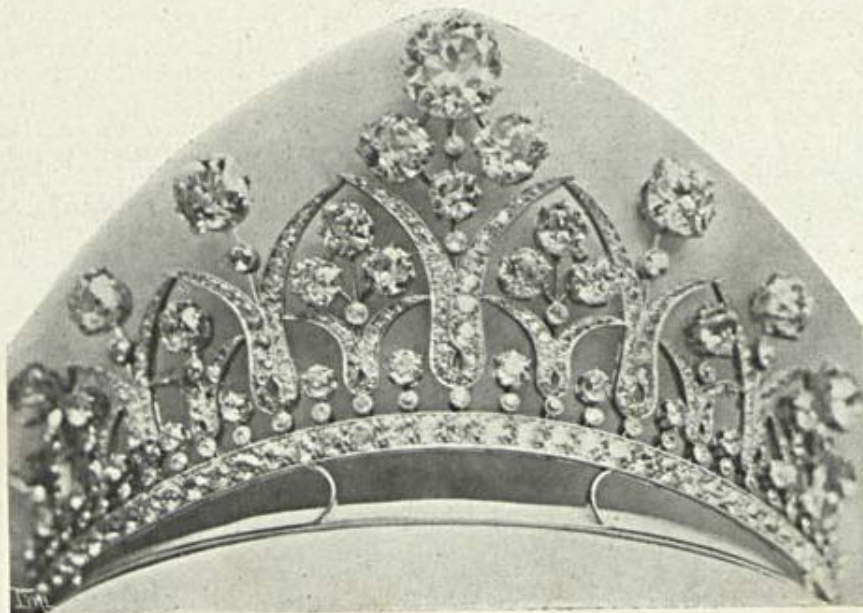
*Dia 30*— Os meus correligionarios offereceram-me uma merenda democratica no Pinhal Novo. Correu muito animada, regressando todos animadissimos, aclamando entusiasticamente o dr. Alexandre Braga, França Borges, Estevão de Vasconcellos e outros caudilhos illustres. N'um pequeno improviso, que tinha preparado hontem á noite, mostrei o progresso d'agricultura no nosso regimen, referindo-me tambem ao problema naval que considere resolvido graças ao hydroplano do *Seculo*. Como alguns dos convivas não sabiam o que eram um hydroplano, expliquei-lhes que se chamava assim por ser uma hydra dos ares que tambem navegava na agua.

*Dia 2*— Recebi um telegramma do meu chefe chamando-me urgentemente a Lisboa. Vou partir já. Como se falla em recomposição ministerial, provavelmente é para me darem a pasta do interior. Preferia a dos estrangeiros para aprender de *bórla* a fallar francez, mas estou prompto a sacrificar-me pela Patria e pelo partido.

Pela copia CRISPIM.

Nascer, lutar, sofrer — eis toda a vida.

GONÇALVES DIAS.



*Diadema offerecido pela colonia portugueza monarchica do Brasil á Princesa Victoria, Augusta Esposa do Senhor D. Manuel*

*O rico e artistico diadema representado pela gravura acima, é feito todo em platina, guardado completamente de brilhantes do Brasil, de primeira agua. E' um trabalho finissimo e delicado da casa Luiz Rezendê & C., do Rio de Janeiro.*

*O valioso presente que, por iniciativa da Liga Monarchica do Rio de Janeiro, os realistas portuguezes residentes no Brasil offerecem á Augusta Esposa do Senhor D. Manuel, seguiu para o seu destino a bordo do «Cap Finisterre», que d'aquella cidade partiu em 18 do mez findo.*



*O escudo conjugado das casas de Bragança e Hohenzollern, feito em ouro, alto relevo, que guarnece o estojo do diadema.*





O brinde oferecido pelos monarchicos do Coimbra ao Senhor D. Manuel.

## O Cifrão

A origem do signal ₤, usado pelos americanos para designar o dollar, pelos hispano-americanos para designar o peso e pelos brasileiros e portugueses para designar os respectivos mil réis, vem, segundo investigações do *Historical Record*, de Tyro, onde era usado como marca em certa moeda. As duas linhas verticaes representavam as columnas de Hercules, insignia da colonia de Gades (hoje Cadiz), onde a moeda primeiro circulou.

Quando subseqüentemente teve logar a união da colonia á mãe patria, foi symbolizada pela ligação, entrelaçando as duas columnas, e a moeda então adoptada foi a moeda tyria.

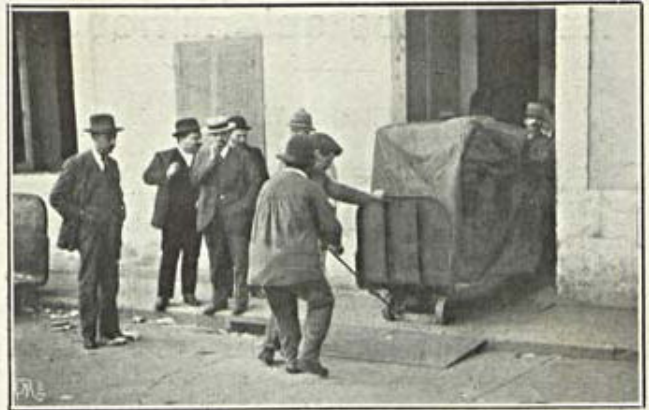
Carlos V restabeleceu o uso do cifrao, e d'ahi veiu até nós.

## Origem do nome Canadá

A etymologia é curiosa, segundo o sr. Perrault,

que foi commissario do Canadá n'uma das exposições de Paris. O veneziano Cabot, ao serviço da Inglaterra, descobriu o Canadá em 1497. O francez J. Denis e o veneziano Vewuzzani, ao serviço de Francisco I, visitaram o golpho de S. Lourenço em 1506 e 1525; seguiram-se-lhes os hespanhoes, que não encontrando nas costas exploradas vestigios de ouro ou prata se retiraram dizendo: *Cá nada*.

Estas palavras, repetidas mais tarde pelos indigenas aos francezes, foram tomadas por estes como o nome da terra. Ha tambem quem faça derivar o nome da região da palavra iroquense Kanatha, que significa reunião de Cabanas.



O caso do brinde dos monarchicos de Lisboa. — A conducção da mala para a «casa forte» da Alfandega.

## De joelhos

(Inédito)

Bemdito o ceu, o sol que iluminou  
O dia em que nasceste, ó meu amor!  
Bem dita a tua mãe! Bemdito o alvor  
De sonho que em tua alma despontou...

Bemdito o teu olhar — um astro em flor —  
Por ti, bem dita a luz que em mim brilhou,  
O fogo de poesia que abrasou  
A minha Vida inteira de esplendor.

Bemdito o nosso encontro de creanças;  
O doce abril a palpitar de esp'ranças,  
A primavera deste amor sem fim!...

Bem dita esta saudade, este sofrer!  
O idilio roxo, ideal, deste viver,  
E o bem celeste de te unir a mim!

Lisboa, 1913.

MARIO PACHECO.

## O caso do brinde dos monarchicos de Lisboa



Alguns representantes dos jornaes de Lisboa e entre elles, á direita, o nosso collaborador photographico J. Bonniel, aguardando a abertura da mala que encerra o brinde.

## Aviação militar

Assim como se tem attendido, no armamento dos exercitos, ao tiro contra os balões e aeroplanos — que agora já se chamam a 5.<sup>a</sup> arma — exigindo-se nas armas de fogo o emprego de grandes angulos de tiro e de projecteis especiaes, do mesmo modo se recorre, por parte dos aeronaves, ao lançamento de bombas carregadas com explosivos violentos sobre os navios, obras de fortificação e massas de tropa, e não se tem descurado o augmento do poder offensivo e defensivo d'aquelles engenhos, dotando-os com armamento adequado para obviar á hypothese de um encontro aerio com o adversario.

Que impressionante deverá ser essa lucta de uma legião de aeronaves, na immensidade do espaço, bem mais terrivel nos seus effeitos, que os de qualquer combate terrestre ou maritimo!



Ae:oplano armado com uma metralhadora



## Assumptos scientificos

### COMO VIVEM AS VESPAS

Pouco se tem dito ácerca das vespas, de como vivem e trabalham, embora a respeito das abelhas — talvez porque são insectos de grande utilidade para o homem — se tenha escripto muitissimo.

Interesseiro e positivista como é o homem, principalmente o das modernas camadas, tem elle deixado despercebido o grande papel que, em sociologia animal, representa o modo de ser e de viver das vespas, quando, afinal, estas são, como trabalhadoras, muito mais apreciaveis e interessantes do que as abelhas.

Entre as vespas, não ha femeas ociosas. Todas ellas trabalham, e muito. Os individuos neutros, entre as vespas, não podem ser considerados, como entre as abelhas, os unicos predestinados para os labores quotidianos.

Os ninhos da vespa são verdadeiras obras architectonicas, bem mais complicados e artisticos do que os das abelhas. Variam de forma, segundo a especie que trata da respectiva construcção; porém, o material empregado é geralmente o mesmo, e consiste n'uma pasta que, em cor e consistencia, é semelhante ao papel de trapos. Para fazer essa pasta, os insectos procuram madeira apodrecida da qual vão arrancando bocadinhos que misturam com a sua saliva. Assim formam pequenas bolas, que transportam entre as patas até ao sitio escolhido para a sua residencia. Quando tem reunido o material sufficiente, dão principio aos trabalhos de construcção, estendendo a dita pasta em camadas sobrepostas até formarem tabiques, os quaes depois parecem feitos de cartão delgado, mas muito resistente.

Em regra, um ninho de vespas consiste n'uma caixa ou cupula e um cortiço, ou vespeiro, encerrado n'essa caixa e composto d'um numero variavel de cellulas. Ha, não obstante, especies cujo vespeiro fica ao ar livre, sem tampa de nenhuma especie, como succede com a vespa conhecida pelos entomologos sob o nome scientifico de *Polistes gallicus*, que é a mais commum na Europa.

Esta especie executa a construcção d'um cortiço composto de cellulas exagonaes, com o fundo mais estreito do que a bocca ou entrada, e reunidas n'um pedunculo commum, mediante o qual fica o vespeiro fixo a algum ramo ou tronco de qualquer planta. As entradas das cellulas estão dispostas em um plano geralmente vertical, ou em plano inclinado, quasi sempre voltado para o sul.

As femeas depositam os ovos n'essas cellulas; ao cabo de oito dias sahem as larvas, que são d'uma voracidade extrema. Para as alimentar, a vespa mãe procura de preferencia substancias assucaradas, especialmente as que as flôres e os fructos podem fornecer-lhe; mas, como não tem sempre fructos e flôres á sua disposição, a vespa vê-se obrigada a atacar varios insectos que se nutrem das mesmas substancias, como, por exemplo, as abelhas, e depois de mortas as levam para saciar as larvas. Quando não tem outra coisa, visita os talhos e os monturos, forragiando pedacitos de carne e outras materias aproveitaveis aos seus fins. Qualquer que seja o genero de alimento que haja de proporcionar á sua prole, sempre lh'o dá bocca a bocca, como as aves costumam fazer aos filhinhos implumes.

Logo que as larvas entram na metamorphose para nimphas, deixam de comer e fabricam por si proprias um tecido sedoso com o qual atapetam o interior da sua cellula e cobrem, ou adam, a

entrada da mesma. Esta especie de tampa, que é feita em tres ou quatro horas de trabalho, é abobadada nas cellulas das larvas femeas e nas das neutras, e plana nas dos individuos masculinos.

Outra vespa tambem muito frequente é a especie *germanica* dos naturalistas. Esta faz o seu ninho no interior dos troncos e mais frequentemente debaixo da terra, praticando uma communicação com o exterior por meio d'um buraco não muito grande, e ás vezes dois. O ninho é de grandes dimensões e de forma irregular; as paredes, muito espessas, são formadas por numerosas camadas de pasta papyrica, e no interior ficam dez a dezeseis cortiços horizontaes, dispostos parallelamente uns aos outros, como os andares d'um predio, e sustidos por uma especie de pequenas columnas. As vespas principiam a construcção pela parte superior, ou seja pelo que poderiamos chamar tecto, e as cellulas de cada cortiço ficam todas com a bocca para baixo.

Alguns d'estes ninhos chegam a medir um metro de diametro, alojando-se dentro d'elles alguns milhares de vespas, que vivem em perfeita harmonia.

Os machos estão encarregados da hygiene. Limpam o interior do ninho e tratam de tudo que diga respeito ao asseio e bem-estar da colmeia, enquanto as femeas e as outras operarias se occupam da construcção dos cortiços e do grangeio de alimentos.

N'esta conformidade, que tão por completo realisa o ideal feminista, os machos são desprovidos de armadura, sendo as femeas e os individuos neutros providos do temivel ferrão.

Como as outras vespas, a especie *germanica* é animal de verão; ao começarem os frios, as neutras matam sem piedade todas as larvas que ainda não tenham vedado as respectivas cellulas, e logo, por sua vez, morrem, o que tambem succede aos machos. Assim, ficam apenas as femeas fecundadas, que vão viver em logares muito recatados durante o inverno.

E' ainda muito curiosa a venda da vespa dos bosques, chamada scientificamente *Vespa sylvestris*. O seu ninho é formado de varias paredes esfericas concentricas, com um orificio central. Consoante o numero de paredes que compõem a moradia, assim varia o tamanho do vespeiro, o qual, em todo o caso, não excede as proporções d'uma laranja. O conjunto pende d'um ramo ou tronco, e no interior, coincidindo com o ponto

de suspensão, vê-se um cortiço parecido com os da vespa *Polistes*.

Se são notaveis os ninhos das vespas citadas, ha especies exoticas não menos extraordinarias. O mais raro é talvez o da *Myrapetra*, das selvas sul-americanas, vespa que fabrica um mel saborosissimo, ainda que de propriedades venenosas. Foi o naturalista hespanhol Felix de Azara, quem, nos principios do seculo passado descobriu essa especie de insectos; por essa occasião, os sabios do seu tempo mofaram d'elle, aventando que, sem duvida, Felix de Azara confundira uma familia de abelhas com as vespas; porém, depressa era comprovada a affirmação do citado naturalista, chegando a ser trazidos á Europa vespeiros de tão discutido insecto.

Similham estes ninhos a forma d'uma campainha, e estão suspensos das plantas trepadeiras a um metro, pouco mais ou menos, acima do solo, tendo a particularidade de que exteriormente são munidos d'uma infinidade de projecções ou pontas salientes, cujo fim não pode ainda ser ao certo determinado. A massa papyrica de que são feitos é mais escura que a dos vespeiros acima indicados; diz-se que, para a sua fabricação, a vespa *Myrapetra* recorre ás dejeções do carpincho, roedor aquatico muito frequente na America.

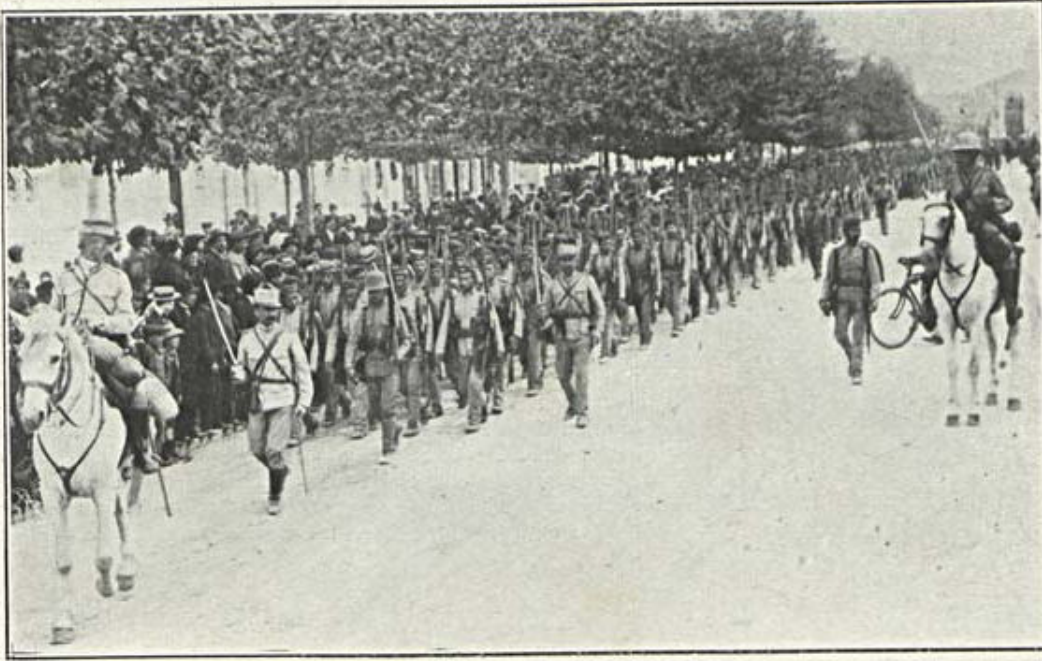


O Senhor D. Miguel de Bragança

Cujo anniversario natalicio passa a 19 de Setembro



## ASSUMPTOS MILITARES — Escolas de repetição — A partida para as manobras



A infantaria

As vespas chamadas *cartoneiras*, ou scientificamente *Charlergus*, fazem uns ninhos parecidos a esses, mas com a superfície externa completamente lisa. A entrada é próxima da base. Uma particularidade d'estes insectos é que utilizam os ninhos durante alguns annos, enquanto as outras especies de vespas em cada anno se dão ao trabalho de construir ninho novo.

O ninho da especie americana *Tatua morio*, é tambem suspenso e em forma de campainha; mas



A cavallaria

feito uma fortuna colossal.

— Ganhou mais de tres mil contos, disse alguém.

— Não me admira, re-dargui um invejoso; as consultas que elle dava aos doentes custavam-lhe quasi sempre os olhos da cara!

Meu caro doutor, deixe-me dar-lhe um abraço. O senhor vae-me fazer ganhar o meu processo.

— Perdão. Mas eu sou o advogado da parte contraria.

— Pois é por isso mesmo...



O grupo de metrelhadoras

(Phot. de \*\*\*)

é ainda mais parecido com as campainhas por estar suspenso de maneira que a mais leve brisa o faz oscillar.

Finalmente, entre as vespas que vivem em ninhos dependurados, não devem esquecer as *polibias*, tambem americanas. D'uma d'estas especies, chamada pelos argentinicos *tacuali*, existe um ninho no Museu de Sciencias, de Madrid. E' na verdade um trabalho architectonico que muito depõe a favor da grande intelligencia artistica das vespas.

## Anecdotas

Falava-se de um oculista famoso que se havia retirado, depois de ter



## Foi o animatographo

O exemplo, mesmo pintado, é proveitoso ou nocivo: nunca absolutamente nullo.

**A** Elisa, costureira, lia *O Seculo* á vizinha Joaquina, caixeira da loja de chapéus da esquina, enquanto esta viera jantar ao quarto que tinha alugado junto do seu, em casa da Gertrudes, estalajadeira n'uma das mais sujas ruas do Bairro Alto.

— Cá vem, dizia a Elisa depois de ter procurado: «Hontem



Foi o animatographo — Cá vem, dizia a Elisa

pela uma da madrugada. deu-se na feira de Santos um lamentavel crime. Quando, no *Alhambra*, Julia Silva e Pedro Grácias assistiam aos bailados das *Hermanas Madrileñas* foram avisados de que o antigo namorado de Julia os procurava com maus intentos. Esta, receiando algum conflicto, quiz retirar-se; mas Pedro Grácias, que tem por alcunha o *Naiifa* e que parece não desdenhar ne-



Foi o animatographo — Quando se dirigiam para o restaurant da Maria Botas

nhuma occasião de se evidenciar no mal, recusou-se terminantemente, não só a abandonar a feira, como a consentir que Julia o fizesse. Momentos depois, quando ambos se dirigiam para o resta-

rante da *Maria Botas* foram violentamente agredidos pelo *Chulo* que, depois de ter intimado a sua antiga namorada a segui-lo, lhe vibrou uma valente facada no peito, que a prostrou por terra banhada em sangue. Em seguida envolveram-se os dois em desordem, recebendo o *Chulo* um ferimento grave. Pedro Grácias, o *Naiifa*, conseguiu evadir-se. A' hora a que o nosso jornal entra na machina o estado de Julia é quasi desesperado.» Que me diz a isto, menina Joaquina? perguntava a Elisa dobrando o jornal.

— Que lhe hei de dizer? A Julia foi sempre boa rapariga, mesmo boa de mais... e isso foi que a perdeu. Mas a culpa d'este caso não foi d'ella inteiramente.

— Foi do *Naiifa* que não quiz sahir da feira.

— Tambem não. Foi... — mal sabe você de quê! — foi do animatographo.

— Ora essa!

— E' o que eu lhe digo. Como sabe, conheci muito o *Chulo* antes de elle dar em fadista. Brincámos juntos em pequenos e notei sempre que elle era uma creatura extremamente impressionavel e impulsiva. Quando vi que a Julia lhe começava a dar conversa, avisei-a de que n'um homem a boniteza é o menos, e que o caracter d'elle não correspondia á cara. Ella fez ouvidos moucos e continuou até que elle, ciumento como um louco, lhe disse um dia: «se tivesse de ti a menor suspeita, matava-te» — Ella estremeceu e perguntou-lhe: «O que?! Sem te certificares, nem nada?» — \* Nem



Foi o animatographo — O «Chulo» meditando o crime

nada. *Esfriava-te* de vez ao primeiro impulso.» Julia ficou apreensiva e acabrunhada e na primeira occasião que se lhe offereceu — ellas não faltavam — correu com elle. Esteve mais de anno e meio sem se atrever a olhar para um homem, mas, quando soube que elle andava perdido com a filha do algibebe e lhe trazia de olho a fortuna, julgou-se livre.

— Mas o que eu não percebo é o que isso tem que ver com o animatographo?

— Ah! Tem tudo. Como lhe disse, o *Chulo* é uma creatura impulsiva e impressionavel Esteve no animatographo onde eu estava, sentado nas cadeiras que me ficavam em frente. O filho da Rosa entrou e deu-lhe a novidade de que *elles* estavam na feira e accrescentou a modo de troça: «tambem era tola se ficasse eternamente a chorar por ti.» Começou a nova fita. Era grande: tinha mil e oitocentos metros e tratava d'um crime a que dava origem um caso como o seu. O *Chulo* — pude vêr isso, quando nos intervallos voltou a luz — estava livido e trémulo; as mãos crispavam-se-lhe nas costas das cadeiras fronteiras, enquanto o da



Rosa lhe dizia em tom de chasco: «E' a tua historia, *Chulo*, é a tua historia, com pequenas variantes, filha do algibebe e tudo; mas tu não és homem para tragedias: dás decerto ao caso uma solução mais commoda.»

«Quando a sessão acabou, elle ergueu-se como um automato e sahio quasi cambaleando. Chamei o filho da Rosa e fiz-lhe notar a incorrecção do seu proceder. Elle assustou-se e disse-me: «Vou preveni-los para que abandonem a feira.» Afastei-me socegada com esta promessa e pensando como são perigosos os espectaculos de crimes para as pessoas que não são boas, porque, deixemo-nos de contos, o exemplo, embora pintado, é sempre um estimulo, quer seja para o bem quer para o mal.

— O' visinha, o que vem a ser estimulo?

Elisa còrou. Depois de instantes, respondeu:

— Eu não sei bem, mas supponho, pelo modo por que tenho ouvido empregar esta palavra ao meu patrão, que é um empurrão que nos dão nos sentimentos para qualquer fim. Percebeu?

— Ora essa, replicou a outra contente, então não havia de perceber?

N'isto, a dona da casa entrou esbaforida pelo quarto de Elisa, exclamando:

— Até que emfim! Está preso o *Naifa!* Mariola! Poz a pobre rapariguinha às portas da morte.

— Elle?!

— Então não foi elle quando a levou a comer carapau assado com molho á hespanhola ao restaurante da Maria Botas?

— Não está mau carapau! Entrou-lhe pelo peito e fez-lhe um móho vermelho que era bem dispensado. Mas a culpa, pensando bem, não foi de nenhum d'elles: foi do animatographo, disse sentenciosa a menina Elisa.

— Pois decerto, foi o estimulo, apontou a visinha Joaquina, contente de poder empregar a palavra que ha pouco tinha aprendido.

— Esperem, ajuntou a hospedeira esfregando a testa, parece que o *Chulo* disse ao policia que o prendeu: «O raio da fita é que teve a culpa. E mostra-se arrependido.» Ninguém percebeu o que elle quiz dizer com a fita; comtudo...

— Pois sim, mas nós é que sabemos! Pois devia haver uma lei que prohibisse todos os espectaculos que podem convidar ao mal.

— Então deixava de haver interesse n'elles, porque o bem só nunca prendeu ninguém. E' uma grande semsaboria!

— Então, sentenciou a menina Elisa que, tendo terminado o jantar, punha o chapéu para voltar á loja que, como já disse, ficava á esquina, não se queixem de que os crimes continuem a augmentar.

E deixando as suas amigas a commentar o caso, voltou ás suas obrigações.

MARIA O'NEILL.

## CARTAS DO RIO DE JANEIRO

XIII

### AQUEM E ALÉM-MAR

#### O JOGO

**O** JOGO. Thema eterno, thema internacional, alvo de todos os anathemas, objectivo de todas as reprovações! E, caso curiosissimo, hontem, hoje, aqui, em toda a parte, quanto mais combatido mais remoçado, quanto mais reprovado mais revivido! Está demonstrado, é um axioma corrente que o jogo é o maior dos males, um perigo individual e social; e até um amigo meu, que Deus haja, e que, coitadito! para Calino lhe não faltava nada, me disse um dia, indignado, porque o filho perdera na vespera doze mil réis, á roleta; «o jogo é a mãe todos os vicios».

Se não e a mãe, é o pae, mas que é uma das cousas e talvez ambas, não padece duvida. De onde se conclue que não era tão Calino como á primeira vista parecia o meu chorado amigo. Outro amigo meu, que, por causa do jogo, fóra enxovalhado, que por por causa do enxovalho publico perdera situações culminantes, dizia-me um dia: «meu caro, de tudo que se perde ao jogo, o que vale menos é o dinheiro.» Com effeito, o proficional do jogo, o vicioso, aquelle para quem se tornou invencivel o habito de jogar,

se fór preciso, numa noite de azar e de febre, joga o que tem, joga o que é dos outros, joga a mulher, joga a vergonha, e nunca, depois da derrota do jogo, poderá dizer as palavras de Francisco I, depois da derrota de Pavia: «Tout est perdu, hors l'honneur». Não, um dado, uma carta, levou-lhe ao mesmo tempo, no mesmo lance, a fortuna e a honra.

Seria banal e impertinente trazer hoje aqui a documentação de todos os perigos que o jogo acarreta, todos os argumentos contra elle, que desde os sermonarios dos velhos velhos moralistas até aos nossos dias têm sido arremessados, como dardos, contra o jogo. Seculos sobre seculos têm corrido, nem um paiz que não tenha estado na defesa, nem uma legislação que não o prohiba e não castigue os seus infractores, e, apezar de tudo, nunca se jogou tanto! Nações ha, como a Belgica, que, depois de o tolerarem em certos logares e em especiaes condições de interesse local, acabaram por novamente o prohibirem: é o caso de Ostende. Essa terra formosissima, uma das mais bellas e opulentas estações balneares da Europa, nasceu do jogo. Nada era, de nada valia, e, dentro em pouco, logo que o jogo lá foi lançado em larga escala, os terrenos valorisaram-se, hoteis soberbos, sumptuosos palacios, theatros, casinos foram edificados, e toda a Europa visitou, admirou, enriqueceu Ostende, Monte-Carlo a mesma cousa; Baden-Baden, Wiesbaden, devem ao jogo a sua formosura e o seu engrandecimento. E' preciso, porém, notar, que a França, a Austria, a Alemanha, e alguns outros paizes, prohibindo o jogo na sua generalidade, apenas têm feito estas concessões tolerantes em pontos afastados das capitais, em thermas e balnearios, com o fim economico de attrahirem a concorrência de estrangeiros. De resto, continuam a fazer parte das legislações destes cultos paizes enropeus as mais severas medidas prohibitivas.

No globo, a capital onde hoje se joga mais é o Rio de Janeiro. Mais que em Buenos Aires, onde tambem se joga muito. Na cidade carioca o jogo tomou taes proporções, que para elle se voltou a attenção publica, representada por toda a imprensa, que não occulta o seu pavor pelas consequencias deste desenfreamento. O Sr. Belisario Tavora, que não tinha facultades para regulamentar o jogo, oscillou entre estas duas pontas do dilemma: prohibir, permittir. Cumpria a lei, no primeiro caso; no segundo, fechava os olhos á lei. Optou por este. De ante-mão sabia que todas as suas prohibições seriam sophismadas, e que, portanto, a lei seria, na sua execução, enxovalhada. Tinha o exemplo de todos os paizes, onde os jogadores se servem de taes expedientes, em tantos recursos são ferteis, que acabam sempre por se rir da policia, por zombar da Lei, por jogar desenfreadamente, cada vez mais. Tomou, então, pelo caminho da liberdade mais ampla, e na bandeira policial gravou esta divisa: «A' vontade». Como era de crer, desde logo o uso degenerou no abuso, e desde os clubs elegantes ás mais ascosas tavolagens, abriu-se banca de jogo por toda a parte. O jogo está escancarado, podem entrar, jogar, ricos, operarios, capitalistas, homens, mulheres e até crianças, o que é na tolerancia maxima, o cumulo da imprevidencia e do perigo. E' possivel que o chefe policial tivesse uma inspiração salomonica ou que pelo menos se lembrasse de alguma conversa com qualquer dono de confeitaria, que lhe indicasse a fórmula por que os caixeiros se fartam logo no primeiro dia. Atascam-n'os, em pasteis e em todas as guloseimas, de maneira tal, que lhés ganham o asco, e dahi em diante até o cheiro os incommoda. O Sr. Belisario quiz applicar o mesmo processo com o jogo. Disse á cidade inteira que jogasse até se fartar... de perder. No dia em que estivesse farta, o jogo acabaria e a Lei, sem ser menoscabada, ficaria de pé.

Aconteceu, porém, o contrario. Ao que parece, ninguém se fartou, e, ao contrario, todos lhe tomaram o gosto. As previsões fallharam, e, por conseguinte, o perigo augmentou. Ora, para extirpar do corpo social este cancro, ha de ver-se em calças pardas o Chefe de Policia actual. Será mais forte que as Pyramides do Egypto a sua vontade se resistir ás influencias, ás pressões, que de todas as bandas hão de surgir para lh'a invalidar. Hão de assaltar-lhe de todos os lados primeiro o cerebro, depois o coração. Os altos interessados pretenderão convencer-o dos beneficios economicos do jogo, e da «degringolade» que a prohibição delle arrastará, o pessoal menor, que se conta por milhares de creaturas, ha de appellar para os seus sentimentos affectivos e pintar-lhe a miseria a que os sujeitaria essa prohibição. Então, o Chefe de Policia, depois de profundas cogitações, decidirá: ou prohibe ou permite. Em qualquer dos casos não deixará de se jogar.

Rio, Julho 1913.

JAYME VICTOR.



## Escretores Brasileiros

### Jackson de Figueiredo — Xavier Marques

Não sei bem se já vai ha muitos seculos, ou simplesmente ha breves annos que a decantada sabedoria popular fixou mais um subtil e immortal dictado, notavel como todos os seus dictados, pelo qual avisadamente insinua que — *O teu maior inimigo é o official do teu officio!*

E' possivel que a dita sabedoria, numa hora de pessimismo e de mau humôr, tentasse abranger nessa dura regra os *artistas* de todas as *artes*, sem excepção absolutamente nenhuma, o que, além do injusto seria descortez, pois só visa revelar nos homens os damnhos sentimentos da inveja e do despeito. Ha, por certo, sobeja razão para se acreditar que a immensa maioria dos artistas assim seja, visto que entre si muito enghosamente se deprime, atirando-se, com rancôr, mutuamente, adverbios formidaveis e esmagadoras citações classicas. Mas a preclara e mysteriosa voz do povo, que parte não sei donde e echôa por todo o mundo no pregão insistente e placido das verdades mais amargas, perfeitamente reconhece que em todas as suas regras existem consoladôras excepções — «Deus seja louvado por tão alta mercê!»

Realmente, o livro que ha dias li e reli (*Xavier Marques — ensaio*) com sincero prazer espirital, constitue uma dessas gratas excepções, e é, ao mesmo tempo, um estudo insinuante e poderoso, largamente esplanado por uma lucida razão e por um intelligentissimo processo analytic. — Jackson de Figueiredo, — com o seu temperamento vibratil e original, o seu espirito implacavelmente justo e a sua grande alma de artista, não devia mesmo produzir senão esse estudo maravilhoso e sincero que se estende por 112 paginas adoraveis de apologia, aliás merecidissima, ao grande romancista brasileiro sr. Xavier Marques. Ora, na verdade, toda a vasta obra do escriptor homenageado é encantadora e grandiosa, harmonica e simples — duma infinita doçura. Ha um não sei quê de tão delicadamente espirital nas paginas magistraes do sr. Xavier Marques, que a gente positivamente vê a propria alma do auctor dando uma vida estranha e carinhosa a todas as situações que descreve, a todas as paisagens que desenha e a todos os dialogos que reproduz.

E' um artista de quem os seus compatriotas podem dizer, orgulhosamente:

— Eis um escriptor nosso, puramente nosso, adorando profundamente a sua terra, estudando e descrevendo com afincado amor os seus costumes. Depois, a sua linguagem serena e cantante, sem o rebombo desagradavel dos grandes palavrões, que irritam os nervos — deslisa, muito limpida, como um veio de agua transparente que vai correndo e cantando pela natureza a fóra, na ditosa canceira de matar a sede á terra resequida. Assim, os romances do sr. Xavier Marques são atravessados sempre por uma grande piedade, porque a sua alma bondosissima ali anda dispersa, numa linguagem musical que me encanta e me consola, pelo grande bem que me faz ao espirito.

Não o conheço pessoalmente, porque não tive ainda esse feliz ensejo. Mas pela sua obra tão espontanea e sincera, a ideia que faço d'esse extraordinario homem condiz, em absoluto, com a soberba definição que lhe dá Jackson de Figueiredo, numa admiravel pagina de intensa psychologia.

Transcrevo-a:

«Em meio de todas essas preocupações da arte moderna, em meio da alluviação de theorias, dos nephelibatás, dos preraphaelistas, dos futuristas, de tudo isso que em nossa terra vem mostrar sómente as suas peores qualidades, Xavier Marques é um homem á parte. Toda esta agitação o deixa indifferente, enfiado, talvez. O meio provinciano ajudou de certo a sua natureza retrahida. Nunca elle valorisará a obra de ninguem, nem muito menos um producto seu, pelo escandalo produzido. Esta theoria do successo escandalisante será sempre aos seus olhos um absurdo criminoso. Na verdade todo o livro feito neste sentido deveria soffrer, ante a justiça dos sensatos, dos homens de gosto, uma pena na proporção do *alarma*. Isto se houvesse um tribunal litterario. Mas aqui, no Brasil, nem o Estado supportaria a manutenção dos criminosos... Sergi não admite a evolução da Arte; para o pensador italiano ella foi sempre *superior* ou *inferior* — e pelo tempo adiante apenas tem variado de thema e conteúdo. Não deu á Philosophia este caracter, não sei se diga estacionario (porque não evoluir não é

immobilidade, como involuir é movimento) mas disse que ella é ainda a primitiva, a de todos os tempos, pelos mesmos caminhos, solitaria e indagadora. Assim as aristocratisou, maxime á primeira, á Arte, que elle fez a primogenita entre as mais elevadas manifestações da actividade humana. Este modo de ver desclassifica em questão de Arte os mercantilizadores, quem quer que a veja em cada novidade. Sob este ponto de vista Xavier Marques é o artista perfeito — é um aristocrata, sobrio, delicado, arredo. Nunca foi homem das multidões; o artista é sem visinhos numa cidade enorme. Os olhos da sua observação passeiam por toda a parte á sua propria custa. Dentro do meio em que vive é como a Ilha em que nasceu, olhando silenciosamente a cidade distante. Separa as a agua esmeralda, a agua abençoada de Todos os Santos.

Isto tem para mim as proporções de um symbolo. O espirito subtilissimo de Pedro Kilkerry já o definiu: «Tem a alma do seu berço; é o homem da sua Ilha». O auctor de *Janna e Joel* tem um pouco a feição do auctor de *Braç Cubas*. Não tem o scepticismo deste, a sua algidez, e está muito mais perto da Natureza. Mas como Machado de Assis, é um classico escrevendo, é um romantico-realista, é uma individualidade inconfundivel pela harmonia de côres, pela serenidade admira-

vel. E tão admiravel é na verdade este ultimo componente da sua psychologia, que eu não vejo os seus livros como productos de irritação, da amargura do seu temperamento contrariado. Xavier escreve para objectivar uma saudade indefinida, uma saudade que o possui desde a sua infancia, de insular e praieiro, rodeado de horizontes, de adeuses e viagens. E é assim que o vejo, que o adivinho, um homem que tem saudades daquillo mesmo que o arrodia, saudade do que possui e tem nas mãos. Idealisa de continuo uma partida, um adeus, um nunca mais! E' ahi que eu vou buscar a meia-tinta romantica que illumina a realidade humilde e heroica dos seus typos. Emprego o termo *romantico* na sua vulgar accepção, opposta quasi sempre ao realismo crú e pornographico. Nada tem elle com o Romantismo falsificador de paixões, deformador de sentimentos, repulsivamente irreal, de que Pierre Lasserre nos deu um quadro tão poderoso de verdades e indignação. Do Romantismo, Xavier só tem o aprofundado amor da Natureza, mas este amor foi talvez o estimulo de todos os verdadeiros artistas. Isto, repito, nem sempre dá o caracter de imitação ao que elles fazem.

O Artista vê a Natureza e a alma da Natureza, que é a sua propria, entre elle e ella; e o producto bafejado de sub-consciencia, talvez de mais alto que a consciencia, de uma força mystica, da adoração — apparece superior á inspiradora. Como nota Met-

## ESCRITORES BRASILEIROS



Jackson de Figueiredo



chnikoff, que voz é esta da Natureza que se compare á excellencia da musica? A Arte é dôr e insubmissão e muito amor tambem. O artista entretanto só sabe amar á distancia, com o desmaio que esta empresta ás ruindades e pequenezas. A insubmissão de Xavier é physiologica — não precisa de gestos, não tem gritos; pode-se dizer que é tímida, mas é poderosa na sua timidez. Tambem não tem a vaidade do isolamento completo, esse que Remy de Gourmont ridicularisa com a simples observação de que os solitarios o que mais desejam é a curiosidade dos demais homens. Xavier vive no meio dos outros, aperta a mão a todos. Não se comunica a sua Ilha com a terra toda? Nem por isso deixa de ser ilha. Elle está dentro dos dominios da necessidade, lidá com toda especie de gente, é burocrata. Não passeia entre os homens á maneira de Descartes, que só avistava arvores. Na vida quotidiana a sua vida é quotidiana. Só o artista é o ser á parte. Este não toca os pés em terra; olha-a do alto, observa-a. Ama-a tambem muito mais religiosamente, porque a faz amante dos homens, e, como já disse, a sua maior dôr é uma grande saudade.

Para Taine optimismo e pessimismo são uma questão de optica.

Quem olhar o conjuncto só verá harmonia. Ao contrario, o detalhe só deixa ver imperfeição, limite, insufficiencia. Nada porém é mais falso que as classificações, mais perigoso que as fronteiras. São pura imaginação, onde sómente existem. O Artista pode sorrir ao detalhe, amar o limitado, ver a perfeição relativa de um quadro. O Philosopho pode ver o Universo como a maior Desharmonia, como uma cousa imperfeita, que o é, pelo menos, para a visibilidade humana, anthropomorphisadora de tudo. Porque é muito facil condemnar a razão, mas será ainda em nome da razão. O mystico negal-o-á e poderá fazer sentir a sua verdade, mas ninguem a comprehenderá. Nós, afinal, não sahiremos nunca de nós mesmos. Narciso é talvez um symbolo eterno.

Xavier Marques é o artista que vê a harmonia por toda a parte, harmonia que é a sua, de sua alma; ou é aquelle que só objectiva a delicia dos seus olhos, o que se não dá ao trabalho de passear o espelho de Stendhal por uma estrada suja. E' analysta, mas analysta suave ou poderoso de almas feitas de limpidez e nobreza, de almas humildes e religiosas.

O romance analysta de hoje é quasi sempre um neto doente de *Le Rouge et le Noir*. Não nego que a Arte pode habitar as suas paginas mais sujas e que o artista é aquelle homem que adora o seu proprio temperamento; mas isto não me impede de ver que ha artistas criminosos, como têm existido criminosos artistas. Quincey não fez ver o assassino considerado como uma das bellas-artes? O crime não offende a Arte e sim o pudor apparente ou não de uma sociedade, como seria criminoso quem forçasse uma mulher a apparecer despida numa rua, como é crime tudo o que se convencionou chamar immoralidade.

Xavier, eu já disse, é um finissimo analysta, mas sem perversidade. Só uma vez o vi na pintura de uma scena anormal aos olhos de um civilisado. Foi este o character da anormalidade. Digo assim porque numa sociedade rudimentar fóra naturalissima. Trata-se de uma scena de feitiçaria, um *candomblé* na Bahia, extranho culto transplantado da Costa da Africa para a America.

.....

Não se diga, porém, que só a amizade impulsionou Jackson de Figueiredo a prestar essa homenagem ao supremo artista de *Janna e Joel* e do *Pindorama*.

— Não! Jackson de Figueiredo — e digo-o por experiencia propria — não commetteria, em caso algum, o crime de louvaminhar quem quer que fosse, se porventura esse alguém não tivesse um real e positivo merito para lhe merecer taes elogios. Se acaso quer dizer alguma coisa diz o que sente, pensando sempre cuidadosamente, o que diz.

Não admite a bajulação nem a mentira, muito principalmente na litteratura.

Por isso, o que Jackson de Figueiredo escrever, é o que na realidade elle sente. Observa com nitidez, deduz com segurança e desassombro. Não balbucia. Affirma. Sobre o *Holocausto*, tambem romance de Luz Xavier Marques, escreveu estas palavras:

— «O lado scientifico do livro pode soffrer alguma critica, muito pequena, porém. A hereditariedade da tuberculose com aquelle character fatal, inelutavel, omnipotente, pode não ser aceita pela sciencia moderna, e sob este ponto de vista já o analysaram dois distinctos medicos brasileiros. A tísica é um dos maiores flagellos da humanidade; basta dizer que a sua septima parte morre tuberculosa, por onde se conclue que ha uma grande predisposição da especie humana para esta doença. Nenhuma tem sido tão estudada e, no entanto, ha como que um ponto metaphysico na sua etiologia. Uns fazem-na essencialmente hereditaria e fatal, e é deste lado que está Xavier Marques, ou antes o Dr. Lauro. Outros querem que esta herança se limite a uma simples predisposição individual, aggravada muitas vezes pela vida em commum, sendo como é a tuberculose um mal terrivelmente infeccioso. Assim a separação poderia combatel-a dentro da familia. Eu, pela só sciencia da vista, dos casos constantes que estão sob os olhos de todo o mundo, fico ao lado do Dr. Adolphe Strümpell quando escreveu estas palavras: «Quanto mais se aprofunda a causa e se rebuscam as diferentes formas possiveis em que se manifesta a tuberculose (pleuresia, afecções articulares ou osseas) mais se encontra o traço da hereditariedade entre as victimas da doença». (pag. 346) O que mais influe para a repulsa d'esta theoria é talvez o modo como se manifesta aquella herança, nem sempre apresentando signaes evidentes do mal nos recém-nascidos. N'este particular a tísica tem com a syphilis grandes analogias.

Penso que é um pouco sophistico dizer que o individuo não herda a tuberculose e sim um terreno favoravel para a sua eclosão; que não se trata de um tuberculoso e sim de um *tuberculisavel* (Dr. Petér) ou, como diz o Dr. Bouchard, que ha tuberculose em expectativa e não em natureza. «Esta opinião, diz Dieulafoy, é admissivel, mas não é menos verdade que a lesão hereditaria tem sido surprehendida em flagrante delicto no feto». E pouco adiante: «Duas vezes em cinco, o bacillo de Koch foi encontrado no sangue da veia umbelical de fetos humanos oriundos de mães tuberculosas». (1) Assim a these de Xavier Marques não periga. Pode soffrer um ou outro reparo, mas se manterá de pé. Além disto o fim social que ella determina é o principal dentro do livro».

Emfim, ninguem melhor do que Jackson de Figueiredo estudaria esse genial artista tão simples e tão modesto e de cujo valor o Brasil se deve orgulhar, porque tambem muito raros serão tão genuinamente *escriptores Brasileiros*, e se dediquem com tanto carinho ao estudo dos costumes do seu povo, obtendo, como elle, brilhantissimos resultados.

Jackson de Figueiredo, no seu estudo acerca de Xavier Marques é duma sobriedade e duma clareza inexcediveis. Ali transparece toda a franqueza do seu espirito, sobresahindo o desassombro com que expõe a sua noção sobre a arte. Tem 22 annos apenas e é já o typo perfeito do *Solitario entre a gente* refugiando-se, sempre que pode, em casa do seu idolatrado Xavier, e só acompanhado por um ou dois amigos intimos, principalmente pelo não menos original e excellente Edgard Sanches a cuja gentileza devo



Esriptores brasileiros — Xavier Marques

(1) G. Dieulafoy — *Manuel de Pathologie Interne*, Paris, Masson et Comp, editores — 1901.



as duas photographias que honram estas paginas. Do seu primeiro livro de versos, publicado aos 19 annos e composto aos 17 e 18, transcrevo um soneto em que se vê claramente a intensa nostalgia, o vago, indefinivel desejo duma alma contemplativa e sonhadora. Ha nelle já uma tendencia muito forte para o descontentamento de tudo que o cerca, parecendo-lhe tudo imperfeito e pequenino para o seu espirito de verdadeiro poeta, exigindo sensações ineditas e estranhas, por isso que o assalta o singular desejo de um amor de freira:

*Escuta, eu sou assim, odeio a vida;  
E essa alegria que de mim aflora,  
Tem a semelhança dolorida  
De um crepusculo que imita a luz da aurora.*

*E tu mesma, tão boa a tão querida,  
Se te tenho por santa alguma hora,  
Ha vezes que me estás aborrecida,  
E odeio-te tambem — querendo embora...*

B.ª — 10 8-913.

*E' que penso: As mulheres são eguaes...  
E vejo-te risonha e tão faceira,  
E vasia e infantil como as demais...*

*E eu, que um doente sou da Magoa e Tédio,  
Tenho desejos de um amor de freira  
Para este mal sem cura nem remedio.*

Creio mesmo que ainda hoje conserva, senão os desejos desse amor mystico, ao menos o mesmo descontentamento por tanta imperfeição que o rodeia, elle o eterno sonhador do bello e do perfeito, rebuscando avidamente essas duas chimeras e nellas scismando com a ancia que consome os verdadeiros artistas.

Esta revista publicará algumas das suas ultimas produções poeticas e ellas dirão, melhor do que eu, dos meritos triumphaes do seu auctor. O limitado espaço destas columnas não me permite ser mais extenso e portanto mais minucioso. Por isso, só me resta pedir mil perdões pela fragil homenagem da minha admiração, nestas linhas imperfeitas e desordenadas, mas profundamente sinceras.

JOÃO ARREU.

## A VIDA ELEGANTE



Dr. Balbino Dávalos — *Ministro do Mexico em Portugal*



D. José Roiz Gomez — *Consul geral de Hespanha em Portugal*

## A VIDA ELEGANTE

Diplomacia e poesia — As thermas e pralas

Na sua galeria de distinctos diplomatas, o *Brasil-Portugal* estampa hoje o retrato do sr. dr. Balbino Dávalos, illustre Encarregado de Negocios do Mexico e um dos mais altos e cultos espiritos da America do Sul. Demonstrando bem que as musas não fazem mal a doutores, consoante a velha phrase, —nem mesmo quando as insignias universitarias são substituidas a meudo pela brilhante farda da diplomacia, o sr. D. Balbino Dávalos consegue intercalar nos seus affazeres officiaes o delicado cultivo das letras, porventura amenisando as rudezas e preocupações da vida publica, com o prazer espirital que só ao temperamento de artista proporciona o convivio com as Musas. Conhecido

e respeitado na America e em varios centros intellectuaes da Europa, pela sua illustração e valia da sua inspiração poetica, o illustre diplomata tem dado sobejas provas d'esses meritos. Em 1909, por exemplo, publicou o livro de versos *Las Offrendas*, editado em Madrid; em 1901, no Mexico, appareceu o seu *Ensayo de critica litteraria*, sobre a poesia horaciana d'aquelle paiz; no mesmo anno publicou-se tambem no Mexico o seu livro *Os grandes poetas angloamericanos*; em 1908, em Paris, uma bella tradução da *Afrodite*, de P. Louys, com illustrações de Calbet, em 1900, o volume *Relato d'uma hermana*, de M.<sup>me</sup> A. Craven, obra premiada pela academia franceza; em 1902, no Mexico, appareceu uma sua primorosa tradução de *Monna Vanna*, de mr. Uaeterlick; em 1904, *El Mexico desconocido*, traducção do inglez de C. Lumholtz, dois volumes com esplendidas illustrações.

Em via de publicação tem o sr. dr. Dávalos, o livro de poesias *Nieblas Londrinenses*, *De otros Parnasos*, versões de poesias gregas, latinas, inglezas, allemãs, italianas e portuguezas; *Autonomias*





**VIDA ELEGANTE — Nas Caldas da Rainha — No «garden party» nos jardins dos viscondes de Sacavem**

Da direita para a esquerda: 1.º plano: José Formosinho Sanches, D. Manuel da Costa (Mesquitella) e D. Jorge de Menezes; 2.º plano: Jorge Lobo d'Avila da Graça, José Amado, D. Fernando Afonso de Lencastre (Louzã), D. Arminda Machado Talone da Costa Silva, D. Ju-

lia de Aboim Amado, D. Alice de Barcellos, D. Maria Amélia Mexia da Costa, D. Luíza Machado, dr. Augusto Queiroga, D. Maria José Campello de Azevedo, D. Elvira de Castro Constancio, D. Honorina de Moraes Graça e filha, D. Laura Figueira Freire da Camara, D. Luíza de Aboim Amado, D. Maria da Madre de Deus Figueira Constancio, D. Mary de Castro Constancio, D. Maria Margarida Franco dos Santos e D. Margarida de Castelbranco; 3.º plano: D. Maria Ferreira, D. Georgina Franco dos Santos, D. Helena Bordallo Pinheiro, Viscondessa de Alvellos, D. Eugénia de Sousa e D. Maria do Carmo Cordovil Vaz Coelho; 4.º plano: D. Maria Fernanda Netto Afonso de Menezes, D. Mariana de Vilhena, D. Maria de Lourdes da Costa (Mesquitella), Dr. José de Mendonça, D. Maria José de Barros (Alvellos), Henrique de Brion, Nuno Infante da Camara, D. Maria do Pilar Sergio de Sousa, D. Laura de Sousa e José Schateão Torres Vaz Freire; 5.º plano: dr. Adolpho Talone da Costa e Silva, João Queriol, Luiz Infante da Camara, D. Maria do Rosario da Costa (Mesquitella), D. Eugénia Howell de Mendonça e D. Isabel Waddington; 6.º e 7.º planos: José Manuel Pinto (Sacavem), Alexandre e Francisco de Almeida de Menda, D. Maria Leonor Franco (Restello), Pedro de Brion, D. Anna de Barros (Alvellos), Arthur de Saldanha Quintella, José Gorjão Henriques, D. Maria Felismina Franco (Restello) e D. Clara de Vilhena; ultimo plano: Nuno de Brion, Manuel de Barros (Alvellos), dr. José de Barros (Alvellos), José Matheus de Almeida de Menda e Carlos Martins Pereira.



**Nas Caldas da Rainha — O «arraial minhoto» no terrado da vivenda dos viscondes de Sacavem — O grupo «Esperanças»**

(Phot. à luz do magnésio, do commendador Jorge A. de Almeida Lima—amador)

linguísticas hispanolusitanas, dissertação regulamentar feita pelo auctor como socio de numero da Academia Mexicana da Lingua, correspondente da Real Academia Hespanhola; e *Odes de Pindaro*, traducção ritmica segundo o texto grego da edição de Christ. Recentemente em Portugal, publicou o illustre poeta mexicano, um bello



volume intitulado *Musas de Francia*, um feixe de esplendidas traduções de notáveis poetas francezes, abrindo esse escrínio de preciosas joias litterarias com este magnifico soneto original:

*Jamás, Musas de Francia, com más amor ni encanto,  
indiferente el animo a otra pasión mundana,  
feliz admiró naide desde la idade temprana,  
cual yo, vuestro divino, maravilloso canto.*

*Escucho en vuestros ritmos rumores de fontana:  
me alegra vuestra risa, me apaña vuestro llanto,  
y en fascinadas horas de paroxismo santo,  
presiento vuestro espíritu como caricia humana.*

*Em mirra unjo, mis manos; mis labios, en ternura,  
para palpar ensuenos, para besar blancura  
y respirar la esencia de la emoción más pura...*

*Mueñ de la mequita, al minarete sube;  
mas no couvoques fieles, hasta que en randa nube  
llegue el Guardian del Arte en forma de Querube!...*

Das traduções de versos dizia alguém que eram em geral caricaturas sem um traço que desse a reminiscencia do caricaturado. A apreciação é evidentemente exagerada, sendo certo que em geral muito perde em graça, em colorido e perfume a poesia sujeita a essas ousadas transplantações, operação sempre delicada que exige aptidões muito especiaes. No caso presente encontraram as musas de França um traductor de excepcional valia, que soube delicadamente verter para seu idioma quantas poesias lhe apontou a sua predilecção, conservando-lhe o rithmo, o brilho das imagens e conceitos, toda a frescura e harmonia do original.

Poeta brilhante, — na vida social o sr. dr. Balbino Dávalos tem as mesmas condições de attracção e de valia. A sua conversação é encantadora revelando um fundo de erudição pouco vulgar, — não dessa erudição bolorenta, que deixa ao ser exteriorizada a impressão d'uma vaidosa e maçadora *etalage* de sabedoria, mas da que se revela pelo faiscar brilhante das facetas d'um espirito subtil e delicado.

Muito folga o *Brasil-Portugal* com o prestar esta homenagem ao distinctissimo diplomata-poeta.

O sr D. José Roiz Gomez, consul geral de Hespanha em Lisboa, é um litterato distincto, muito querido em varios salões intellectuaes e elegantes da capital, onde a sua musa poetica e a sua palavra espirituosa e facil de conferencista, tem a meudo brilhado, deixando as melhores recordações. Recentemente, o sr. D. José Roiz Gomez que déra provas notaveis do seu talento na conferencia sobre a canção regional hespanhola, n'uma inolvidavel festa

musical dada em casa de M.<sup>lha</sup> Sarah Ferreira Marques, — esse alto e delicado espirito femenino de artista, evidenciou-se um escriptor theatral muito distincto, com uma linda comedia em verso intitulada, *Drama de verano*, representada por amadores dramaticos no *Centro hespanhol*, sendo o exito completo.

Regista esta revista com vivo prazer, o novo triumpho obtido pelo Consul geral de Hespanha, tão estimado nos centros mundanos e intellectuaes da capital.

Caldas, Granja, Cascaes, Estoris... Quasi se podiam reeditar aqui os artigos do anno passado sobre a animação mundana d'estes logares de prazer! Este anno a empreitada de alegria recommençou quasi sem se dar pela solução de continuidade que foi esse sensaborão inverno passado!... Acolá das Caldas, *Egroj* incançavel na sua informação de festas caldenses, diz-nos maravilhas da estação documentando as suas afirmações com photographias, como se não fosse bastante para a arrelia dos que só de longe sabem onde móra o prazer, a descripção pormenorizada de tanta folia!... Enumerando, diz-nos o nosso amavel e infatigavel correspondente:

«A colonia não cessa de promover festas, como *pic-nics*, burricadas, torneios de jogo de bola e até para fechar com chave de ouro o mez de agosto uma festa minhota nos jardins da encantadora vivenda dos Viscondes de Sacavem (José e D. Mathilde), a qual excedeu toda a expectativa e só tarde se apagará da memoria dos que a ella tiveram a felicidade de assistir.

Melhor do que escreveríamos sobre a vida nas Caldas fallam os clichés que alguns distinctos amadores tiraram e obsequiosamente cederam ao *Brasil-Portugal* para elle publicar nas suas paginas.

Na magnifica propriedade de Victorino Froes em Alfeizarão e a convite d'este importante lavrador, *ganadero* e mestre do toureiro a cavallo, realizou-se uma festa que foi brilhante e animada como a de todos os annos e que constou de lide de vaccas, e *pic-nic* para o qual o amavel dono da casa offereceu, como sempre, uma deliciosa canja.»

E com este saboroso remate de informação se ficou *Egroj* que das Caldas ainda nos prometeu este mez de setembro contar as maravilhas que assim vão aligeirando e distraindo o espirito dos acqistas...

Chega a gente a ter pena de não precisar da agua das Caldas!

LUIZ TRIGUEIROS.



Nas Caldas da Rainha — O «arraial minhoto» no terrado da vivenda dos viscondes de Sacavem (José) — O grupo «Saudade»

(Phot. à luz do magnésio, do visconde de Sacavem (José) — amador)